

Desafios para um novo curso de Pedagogia

Com o Prof. Dr. Silas Borges Monteiro¹



Entrevista realizada no Instituto de Educação no dia 29 de Outubro de 2014, pelos acadêmicos de Pedagogia Waldir Félix da Costa Junior e Luana da Cruz Burema.

Revista Pedagogia UFMT: *Nesse semestre, o Instituto de Educação deu início ao processo de reformulação da atual curso de Pedagogia. Como o senhor percebe esse debate e quais são suas proposições para o seu aperfeiçoamento?*

Silas: Na minha percepção, o pedagogo deve ser compreendido como um profissional da educação, em sentido *lato*, e não apenas como docente. Quando a ANFOPE (Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação) fez sua defesa histórica, desde os anos 1980, que a docência deveria ser a base da Pedagogia, eu acho que houve um equívoco, no sentido de imaginar que essa base deveria significar a identidade do pedagogo.

É claro que um pedagogo tem como sua substância o ensino, não tenho dúvida alguma disso. Mas, para além, o pedagogo deveria compreender todo o fenômeno educativo e não ficar restrito ao ensino. Neste sentido, as atuais Diretrizes Curriculares da Pedagogia limitam a possibilidade da formação de um pedagogo com uma visão mais ampla e arrojada.

¹ Silas Borges Monteiro é doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, professor da UFMT nos cursos de Pedagogia, Filosofia e Psicologia e membro do Programa de Pós-Graduação em Educação. Atualmente é o diretor do Instituto de Educação da UFMT.

Eu imagino, por exemplo, uma pedagogia que tenha condições de conceber o ensino e, portanto, a sala de aula e a docência, mas também a avaliação dos sistemas, as políticas educacionais etc. numa perspectiva do gestor educacional.

Existem também outros espaços ainda não explorados como, por exemplo, as mídias sociais, as TVs Educativas, em que a atuação dos pedagogos seria fundamental. Eu imagino um novo curso de Pedagogia que pudesse oferecer, na sua formação, elementos voltados à comunicação e às relações pessoais também nesses espaços midiáticos.

No campo da saúde, fico a me perguntar: quem é mais capacitado a formar o educador em saúde? Não tenho dúvida que é o pedagogo, mas em outro curso de Pedagogia. O pedagogo tem como objeto o fenômeno educativo. Por isso, eu imagino um curso de Pedagogia que tenha uma inserção maior em outros campos, adequados e próprios, mas que hoje ficam restritos, por uma série de razões - boas razões, aliás -, à licenciatura e ao ensino.

Revista Pedagogia UFMT: *Esses novos componentes curriculares seriam incorporados ao curso como disciplinas optativas ou obrigatórias?*

Silas: Obrigatórias. Eu acho que todo pedagogo tem de ser capaz de, minimamente, conseguir olhar para os espaços sociais e encontrar novas possibilidades de inserção. Mesmo que não seja um especialista em comunicação impressa ou midiática, ele deve ter condições de abrir um livro didático e dizer assim: este livro é inadequado, ou, tem problemas aqui e ali.

Do ponto de vista educacional, talvez ele não saiba dizer: este tipo de letra escolhida é a melhor, ou este desenho está maior do que deveria. Não é disso que se trata. Isso um designer tem que fazer. Mas quem vai dizer para o designer qual ideia educativa deve ter este material? Certamente, o pedagogo!

Se alguém vai fazer um programa educativo de TV, quem dará a diretriz educacional deste programa? O pedagogo! Outro profissional não dará conta, porque não domina o fenômeno educativo. Então, a mídia impressa, mídia televisiva, hospitais, sistema público, editoras, são espaços que o pedagogo poderia ocupar, mas que hoje não ocupa porque não tem, minimamente, a informação, porque não foi formado para tais inserções. O curso não previu a formação e a experiência para que isso acontecesse.

Revista Pedagogia UFMT: *Quais poderiam ser as disciplinas para essa formação?*

Silas: Talvez disciplinas como “Educação e comunicação”, os acadêmicos de Pedagogia poderiam fazer um programa de rádio, ou poderiam fazer um pequeno estágio na TV Universitária. O professor poderia falar: “veja, façam uma avaliação deste programa educativo, ou uma análise crítica da programação”. Poderia ainda perguntar: “como você pretende utilizar determinado material audiovisual num espaço do ensino”, e assim por diante.

Eu não tenho dúvida que o curso de Pedagogia forma professores da melhor qualidade; discuto isso na minha tese de doutorado. Nosso desafio, agora, é ampliar o campo de formação do pedagogo.

Revista Pedagogia UFMT: *Essa sua percepção de que o novo curso de Pedagogia não foque somente a formação de professores, mas que abranja outras áreas, vai ser discutida na reformulação do curso?*

Silas: Então, eu tenho discutido isso, mas não é consensual. Alguns professores têm uma adesão muito forte à ANFOPE cujo entendimento é que essa perspectiva poderia associar a imagem do pedagogo a de um “técnico”. Para eles, a base da formação continua sendo a docência e o profissional da educação, o professor. O que eu acho que é um engano.

Isso terá que ser discutido coletivamente. Mas ainda perdura uma dificuldade no debate pelas posições bem marcadas de uma aproximação ou de distanciamento da ANFOPE. Permanecem discussões dos anos 1980, quando já poderíamos ter avançado nisso. As diretrizes já estão feitas, mas poderíamos encontrar novos espaços de criação como, por exemplo, a presença de um fonoaudiólogo, como sugerido e incorporado pela Prof.^a Judith Guimarães (coordenadora do curso de Pedagogia). Como ninguém pensou nisso antes? Como não ter um fonoaudiólogo num curso que lida permanentemente com a fala? Como é que o pedagogo saberá se uma criança precisa de encaminhamento ou não? O pedagogo não deveria chamar “alguém” para levantar indicadores ou protocolos a fim de encaminhar a criança para um profissional da área. Ele próprio poderia identificar esses problemas e encaminhá-los adequadamente

Revista Pedagogia UFMT: *Não que ele substitua o profissional da área, mas que ele saiba ao menos lidar com isso.*

Silas: Exatamente. Também para outras questões, como no campo da Psicologia, ele se retrai e passa para outro, chama quem sabe... Como assim? Não é que ele vai medicar a criança, fazer análise ou terapia, mas deve ter a competência para analisar situações práticas que identifiquem o problema e, conforme o grau, encaminhar devidamente a um profissional da área.

Acho que falta a entrada de outros profissionais no campo da educação, que venham dar esses elementos para o pedagogo na área da saúde, da comunicação e tantas outras. Penso que o novo pedagogo deva ser ousado nisso. E a UFMT foi ousada na reformulação do curso de Pedagogia já em 1995, pois foi um dos primeiros a adotar exatamente essa perspectiva. E isso já se vão 20 anos de uma reformulação que trouxe novos aprendizados e novas experiências com a rede pública de ensino.

Mas hoje, de que modo olhamos para a rede? Parece que a rede está longe de nós, assim como os movimentos sociais e outros espaços organizados. Está tudo tão longe que parece que somos estrangeiros... Nós, as crianças e os professores, parecemos estrangeiros no espaço escolar. E olha que o nosso enfoque é na escola pública!

Por isso, devemos nos perguntar: como acabar com isso? Como fazer que a escola, naquilo que diz respeito à formação para a docência, seja o nosso espaço de interlocução privilegiada? Como analisar e atuar em outros espaços sociais?

É preciso que um pedagogo possa olhar para um *outdoor* e dizer “gente isso não comunica nada, isso não educa em nada”. Isso só será possível quando ele souber quais são as ferramentas adequadas para um processo educativo. É uma questão de comunicação e não de metodologia, e acho que esse é basicamente o entrave.

Revista Pedagogia UFMT: *Mas o professor também precisa disso para escolher os livros didáticos que utilizará em sala de aula...*

Silas: É verdade. Talvez seja o momento pertinente para repensarmos os conteúdos mais significativos para reconcebermos um novo curso, para um novo momento.

Revista Pedagogia UFMT: *Por fim, uma questão sobre a importância de uma revista eletrônica para divulgar os trabalhos acadêmicos do Instituto de Educação.*

Silas: Eu sou entusiasmado demais com isso! Talvez mais do que a média dos professores. Eu tenho o hábito de ler sistematicamente textos eletrônicos, livros digitalizados etc. Utilizo muito pouco o papel, muito pouco.

Quanto a uma revista eletrônica, considero uma iniciativa de primeira grandeza. Inicialmente, porque ela não fica presa pelo transporte do correio. Ela é ágil e, quando bem feita, bem indexada, qualquer pessoa pode acessá-la. Segundo, ela é gratuita, não é preciso um desembolso financeiro prévio. Qualquer pessoas dentro ou fora do espaço da Universidade com acesso a internet, pode ter conhecimento das publicações produzidas e avançar fronteiras. Terceiro, ela dá visibilidade ao curso ou ao grupo de estudos, porque, efetivamente, partilha o conhecimento e não fica restrita a uma necessidade da transposição impressa, o que, normalmente, é bastante morosa...

Atualmente, talvez ainda consigamos, com um pouco de esforço, saber o que está escrito no nº 1 da Revista Educação Pública, de uma revista que tem 25 anos aqui do PPGE. Mas, não sei por quanto tempo mais a gente terá esse acesso porque o material se perde. Mesmo um livro, as editoras fazem uma edição que quando esgotada, ninguém mais tem acesso. Os livros e revistas eletrônicos estarão ali disponíveis, acessíveis, para quem quiser, a qualquer tempo, com durabilidade, alcance, visibilidade. Parabéns pela iniciativa.